

Palavra e Silêncio – Um estudo exploratório sobre Folclore na podosfera brasileira¹

Andriolli Costa²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo exploratório sobre a representação do folclore na mídia podcast. Busca, a partir de seu recenseamento, compreender as formas como o tema vem sendo retratado na podosfera brasileira, de modo a verificar seus alinhamentos ou afastamento das tradicionais controvérsias que circundam o termo: a equivalência à mentira, a subalternização de culturas, a idealização do passado e a segregação identitária. Para tanto, empreendemos uma análise quantitativa para levantamento de dados iniciais. Posteriormente, realizamos a escuta e descrição dos únicos três podcasts sobre o tema que ultrapassaram 100 episódios: *Poranduba*, *Papo de Toada* e *Hora Folk*. Percebemos que, por sua característica imersiva, o podcast atua como uma ferramenta potente para estimular não apenas a memória, mas o pensamento crítico e complexo sobre folclore.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Folclore; Folkmídia; Cultura Popular; Identidade

Este trabalho integra o primeiro movimento de uma pesquisa que investiga a potência das narrativas tradicionais ao serem recontadas e atualizadas por meio da mídia podcast. Realiza, para tanto, um estudo exploratório para compreender as formas como o folclore brasileiro é abordado por podcasts que assumem o termo, seja em seu nome, seja na descrição do programa.

Por meio da plataforma *podchaser*, empreendemos de início uma pesquisa quantitativa para verificar, a partir da palavra-chave “folclore”, o volume de dados disponíveis em língua portuguesa. Após este recenseamento, a catalogação e tabulação de dados permitiu compreender as dinâmicas que orientam a criação (e o abandono) destes projetos. Por fim, seguindo com a exploração, optamos pela escuta, descrição e registro apenas dos únicos três podcasts que ultrapassaram a marca dos 100 episódios.

Sabemos, por certo, que este corpo de análise não representa, em absoluto, a totalidade dos programas que falam sobre folclore na mídia. Muitas vezes o assunto se faz presente em podcasts que utilizam outras nomenclaturas ou recortes para descrevê-lo, especialmente no que diz respeito às narrativas orais: casos insólitos, lendas e lendas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação e Cultura Popular, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS, mestre em Jornalismo pela UFSC, email: andriolli.costa@uerj.br

urbanas, mitos, sobrenatural, cultura popular, etc. Para além disso, folclore pode ser abordado em episódios esporádicos de programas que nenhuma relação tem com saberes tradicionais e, em especial, seus objetos certamente são amplamente mencionados sem que a palavra nunca seja efetivamente evocada.

A opção, então, por definir o corpus a partir da palavra Folclore está justamente na pungência do nome. O termo vem sendo questionado a nível mundial desde meados do século XX, tendo sua pertinência e atualidade questionados em níveis técnicos, científicos e ideológicos. Diz-se, por exemplo, que o termo falha em comunicar seu objeto com o público, perdido espaço em editais públicos e no campo científico, o que faria uma alteração ser estratégica para um reposicionamento (Oring, 1998). Num levantamento dos principais argumentos, estão a relação do termo com sua equivalência à mentira, uma suposta subalternização de culturas, a idealização do passado e a segregação identitária (Kirshenblatt-Gimblett, 1996).

Argumentamos, no entanto, um entendimento de folclore a partir do lastro teórico que vai dar forma à folkcomunicação; a folclorística dialética de Edison Carneiro. Esta nos convida a compreender o termo enquanto estratégia de resistência das classes populares para produzir, circular e distribuir conhecimento, conformando formas de estar no mundo vinculadas não à individualidade do sujeito na modernidade, mas à coletividade. Folclore seria assim um predicado do observador, que em sua análise societal deve considerar os fenômenos sempre em relação com as dinâmicas de resposta à hegemonia. Sendo os podcasts um veículo de expansão da oralidade, onde estes agentes folkcomunicacionais podem fazer ecoar a sua voz e de sua comunidade – em uma relação profundamente folkmediática (Costa, 2023), faz-se necessário verificar como programas que enfrentam conscientemente ou não esta disputa simbólica sobre o termo se posicionam diante das críticas mais frequentes.

Não é possível garantir com certeza que a busca pelos podcasts mais antigos a partir do feed RSS seja inteiramente precisa. Afinal, caso um programa tenha tido seu feed apagado e não apenas abandonado, ele não estaria mais acessível pelos filtros de hoje. Ainda assim, é possível pensar que, em uma experiência empírica, o mais comum é que os programas permaneçam no ar, atuando como uma memória involuntária de outros tempos e espaços preservados pela performance midiaticizada. A memória da podosfera.

“Podosfera” em definição do *Collins English Dictionary* pode ser compreendido como os podcasters do mundo e seu público, percebidos coletivamente. Ou seja, há um sentido de identidade que atravessa a proximidade com a mídia, fazendo com que podcasters, ouvintes e comentadores se reconheçam e, por vezes, troquem de posição – com ouvintes passando a produzir seus próprios programas e podcasters escutando-os.

Com o surgimento da mídia podcast em 2004, era necessário um domínio técnico das ferramentas e dispositivos para iniciar na produção; seja para permitir a captação local em computadores que não possuíam placas de captura, seja para a gravação das chamadas com participantes via chamada de voz ou ainda para a distribuição dos episódios via Feed RSS – que exigia uma série de configurações manuais para funcionar à contento. Outra grande mudança é que não havia uma plataforma que centralizava a circulação da mídia, democratizando o acesso na medida em que as barreiras tecnológicas recrudesceram.

A partir das dificuldades iniciais, a sensação de comunidade foi sendo criada por meio de ações de apoio mútuo e tutorais (Kischinevsky, 2014). Afinal, como aponta Recuero, os elementos formadores da comunidade virtual seriam “as discussões públicas; as pessoas que se reencontram, ou ainda que mantêm contato através da internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento”. (Recuero, 2009, p. 137).

Entre 2004 e janeiro de 2020, havia apenas 9 programas em toda a podosfera de língua portuguesa que carregava o termo folclore em seu título ou descrição. Atualmente, excluindo dados redundantes, são 155. Ou seja, toda a produção anterior de mais de 15 anos da mídia representa menos de 6% do total atual. No entanto, muito dessa produção se deu de modo fugaz, o que fez com que 140 programas tivessem seu último episódio produzido entre fevereiro de 2020 e dezembro de 2022. Assim, o *podfade* pós-pandêmico fez com que quase 90% dos programas fossem abandonados.

Um dos motivos que explica este fenômeno foi a praticidade do uso do podcast como ferramenta didática nos períodos de distanciamento social obrigatório. Sem a possibilidade da interação tradicional em sala de aula, muitos professores utilizaram a mídia como estratégia para a produção assíncrona dos alunos. Com o trabalho produzido, e a facilidade de publicação via Spotify, temos 71 programas sendo produzidos com apenas um episódio. Programas de 2 a 9 episódios somam 61, também refletindo a presença de muitos conteúdos produzidos no contexto didático, seja ao convergir no perfil da professora a postagem dos programas dos alunos, seja ao avançar para o contexto

universitário onde a autonomia dos alunos para a produção e publicação permitia temporadas ao invés de episódios únicos.

Valioso observar a segmentação da podosfera folclórica, reunida a partir de categorias escolhidas pelo próprio publicador do podcast. Em primeiro lugar (19%) estão podcasts de Arte, com uma nítida prevalência pelo tema "livros". Em segundo vem Educação (15%). Esta, juntamente de Crianças/Família (13%), centraliza boa parte do produzido no contexto didático. Por fim, temos destaque para a categoria Sociedade e Cultura (14%), onde boa parte dos podcasts conversacionais vão se enquadrar. A produção ficcional, seja autoral e referencial, ocupa apenas 8% dos projetos criados.

Chegamos, por fim, aos três únicos podcasts brasileiros que ultrapassaram a marca dos 100 episódios: *Poranduba*, *Papo de Toada* e *Hora Folk*. O primeiro é produzido e apresentado pelo jornalista e pesquisador Andriolli Costa e publicado no site *O Colecionador de Sacis*. Lançado em 2018, o podcast soma quase 150 programas com algumas experimentações de formatos – sendo os principais o “entrevista” e “monólogo reflexivo”. *Papo de Toada* é podcast criado em 2020 por Ygor Martins, Cassius Silva, Cristiano Roncari e Thiago Tártaro a partir do canal do YouTube *Carnaval em Parintins* – hoje renomeado para o mesmo do podcast. O formato principal do programa é o mesa redonda, com os participantes destrinchando os elementos que compõe as toadas históricas e contemporâneas que integram a disputa de bois durante o Festival Folclórico de Parintins. Por sua vez o *Hora Folk*, de 2019, é uma iniciativa do designer Anderson Awvas, responsável pelo coletivo *FolcloreBR* – do qual Andriolli Costa, de *Poranduba*, é um dos integrantes. O podcast do formato mesa redonda é o único da categoria Notícias relacionado ao tema. Apesar de estar no episódio 39, o feed do programa já contém mais de 100 iniciativas somando outras produções gravadas em live e convertidas em podcasts.

Os três programas são paradigmáticos uma vez que são eles quem, por sua temporalidade e regularidade, efetivamente atuam para a produção e circulação de conhecimento no âmbito da podosfera no que diz respeito ao tema folclore. Iniciativas experimentais que nunca passam do primeiro episódio pouco fazem além de gerar acúmulo de dados. Programas que nunca serão ouvidos e que persistem, abandonados, em feeds fantasma ao menos enquanto a hospedagem permanecer gratuita. Já os programas que conseguem atingir a regularidade constroem, sobre si, uma relação de identidade para com o ouvinte. Integrado à circularidade da produção do conhecimento

que dá forma efetiva à noosfera do podcast, este se torna um multiplicador do processo comunicativo. Os afetos partilhados convidam à replicação; a falar para os outros sobre os temas que nos apaixonam; a utilizar expressões e memes dos programas que nos envolvem. E isso independentemente do número de ouvintes.

O que ocorre então quando estes programas, que assumem o termo Folclore em seus nomes ou descritivos, falam sobre o tema para seu público cativo? Para começar a compreender este fenômeno, empreendemos uma *escuta flutuante*, por assim dizer. Uma variação da técnica de pesquisa da leitura flutuante, mas aplicada à mídia sonora. Selecionamos, desta maneira, o mais recente episódio de cada programa como objeto de atenção. No caso, temos *Poranduba* com o episódio “Comissão de Folclore” (2024); *Papo de Toada* com o episódio “Minidoc: O funil antropofágico de Viva a Cultura Popular” (2024) e *Hora Folk* com “Carnaval no RJ | Os melhores e piores destaques da grande festa” (2025).

A partir de três entrevistas gravadas durante o Congresso Nacional de Folclore de 2023, *Poranduba* traz a pluralidade mesmo dentre as vozes institucionais: o ex-presidente da Comissão Nacional de Folclore, Severino Vicente; o pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Cesar Bahia; e a pesquisadora e diretora do grupo de danças folclóricas Miraíra, Lourdes Macena. É com Lourdinha, como costuma ser chamada, que encontramos uma visão de folclore que mais se aproxima à perspectiva de transformação social preconizada por Beltrão e Carneiro. Frisa ela, por exemplo, que a participação nos grupos é muito mais do que dança. “Ela é também um espaço de luta política. Você negocia com eles para que compreendam que não dá para você estar envolvido com o bem cultural sem estar envolvido com as demandas que cercam o bem” (Poranduba, 2024).

Já o *Papo de Toada*, por sua vez, incorpora um formato monólogo documental, revisitando a toada-tema *Viva a Cultura Popular*, apresentado pelo Boi Caprichoso no Festival Folclórico de Parintins de 2012. Ainda que exaltando as decisões artísticas, o programa encerra contemporizando a discussão. Mostra que a discussão trazida pela toada, hoje, seria tida como ingênua, uma vez que não faz mais sentido olhar para a cultura popular sem enxergar, nas identidades, os conflitos que as conformaram.

Por fim, o *Hora Folk* demonstra, na sua cobertura sobre o carnaval do Rio de Janeiro, a importância do folclore como espaços de circulação de saber. As escolas de

samba, neste entroncamento folkcomunicação, publicizam estes conhecimentos e, pela dimensão do espetáculo, pautam e transformam a cultura hegemônica. É o que demonstra o participante Felipe Barroso, ao mencionar que o samba enredo *Quilombo dos Palmares*, de Fernando Pamplona para o Salgueiro em 1960, fez com que a temática quilombola passasse a ser sempre presente nos livros didáticos. Foi a cultura tradicional, convertida em enredo midiático, que ecoou a voz da mudança social. Percebemos, desta escutatória, que os podcasts analisados catalisam as temáticas profundas do entendimento de folclore como resistência e reconhecimento da alteridade; demonstrando como o campo permanece dinâmico e afetado pelas reflexões da vanguarda. Os programas, que ecoam como oralidade expandida, cumprem efetivamente um trabalho de “divulgação folclórica” – que, em paralelo à divulgação científica, leva a um público leigo o conhecimento midiático sobre o tema. Que mais iniciativas assim surjam.

REFERÊNCIAS

COSTA, Andriolli. Folkcomunicação: Vínculos epistemológicos fundamentais entre Comunicação e Folclore. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. v. 21, n. 47, 2023.

HORA FOLK 39 – **As melhores e piores do carnaval 2025**. Locução de Anderson Awvas, Daniela Uchôa, Felipe Barroso e Lorena Herrero. [S.l.]: FolcloreBR, 22 mar. 2025. Disponível em: <https://podcast.sptfy.com/QfKw>. Acesso em 30 mar. 2025.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. Topic drift: Negotiating the gap between the field and our name. **Journal of Folklore Research**. V. 33, n. 3. 1996. p. 245-254. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3814682>. Acesso em 30 mar. 2025

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

ORING, Elliott. Anti Anti Folklore. **The Journal of American Folklore**, v. 111, n. 441, p. 328-338. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/541313>. Acesso em 30 mar. 2025.

PAPO DE TOADA 105 - **Minidoc: O funil antropofágico de Viva a Cultura Popular**. Locução de Thiago Tartaro. [S. l.]: Papo de Toada, 17 nov. 2024. Podcast. Disponível em: <https://podcast.sptfy.com/QfKt/>. Acesso em 30 mar. 2025.

PORANDUBA [2024] – **Comissão de Folclore**. Entrevista com Severino Vicente, César Bahia e Lourdes Macena. Locução de Andriolli Costa. [S.l.]: Colecionador de Sacis, 03 set. 2024. Disponível em: <https://podcast.sptfy.com/QfKv>. Acesso em 30 mar. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009